

Lula já articula aliança com esquerda para 2º turno

São Paulo — Roberto Faustino

SÃO PAULO — Embora as apurações extra-oficiais, mais adiantadas que os resultados parciais do Tribunal Superior Eleitoral, não indicassem a confirmação das expectativas do PT de bater Leonel Brizola pela margem de um milhão de votos, o candidato da Frente Brasil Popular, Luís Inácio Lula da Silva, passou o dia de ontem sem dar demonstrações de abalo. Na sua única manifestação sobre o assunto, Lula apenas insinuou alguma preocupação com a lentidão do Tribunal na contagem dos votos.

— É preciso que o TSE assuma a responsabilidade de cumprir o que prometeu, apurando os votos mais rapidamente, em vez de deixar que um canal de televisão fique ditando as tendências finais da eleição — reclamou o candidato em concorrida entrevista realizada no final da tarde na sede de sua campanha, no bairro da Vila Mariana, Zona Sul de São Paulo.

Confiança — O coordenador nacional da campanha de Lula, Wladimir Pomar, fiou-se nos números até então divulgados pelo TSE, atribuindo alguma dianteira para o candidato petista, e considerou o oponente Leonel Brizola, do PDT, um problema ultrapassado. “Está consolidado”, comemorou: “Acabou o Brizola, que manteve heroicamente os 14% que veio trazendo desde o início da campanha”.

Wladimir marcou uma reunião para o início da noite com os outros integrantes da Frente Brasil Popular, PSB e PC do B, para começar a discussão sobre os contatos formais a respeito do apoio no segundo turno. Lula anunciou que o partido fará todos os esforços para ter a seu lado os progressistas do PDT, PSDB e PCB, além de parte do PMDB.

O PT já manteve contatos informais com vários representantes desses partidos e o próprio Lula já citou os governadores Miguel Arraes (Pernambuco) e Pedro Simon (Rio Grande do Sul), do PMDB, os senadores Fernando Henrique Cardoso e Mário Covas, do PSDB, e o deputado Roberto Freire, do PCB, como pessoas indispensáveis ao arco de apoio que o partido pretende consolidar para se sustentar no segundo turno — se chegar lá.

Vice — O candidato petista reafirmou ontem que não lhe agrada a idéia de negociar a vaga de vice em sua chapa, mas pretende manter abertas as portas para preencher ministérios e cargos federais com nomes de outras correntes políticas. Mesmo a vaga de vice

está condicionada aos entendimentos internos da Frente Brasil Popular e Lula admitiu que sua opinião sobre a substituição pode ser sepultada por uma decisão contrária do comando da coligação.

Na sua primeira tentativa concreta de reatar com Leonel Brizola, após a troca de farpas do primeiro turno da campanha, Lula disse que considera os ataques que recebeu do oponente como uma estratégia natural de quem procurava vencer o primeiro turno. Sobre o senador paranaense José Richa, que não vê com bons olhos o apoio dos tucanos a Lula no segundo turno, o candidato do PT afirmou esperar que ele se curve à decisão que a direção do PSDB venha a tomar. “Não acredito que o Covas, por exemplo, possa apoiar o Fernando Collor”, garantiu o candidato ainda em sua casa, em São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, antes de sair para a entrevista, seu único compromisso de ontem.

Quando soube que o candidato do PDS, Paulo Maluf, tinha deixado em aberto a possibilidade de apoiar qualquer dos dois concorrentes que cheguem ao segundo turno, Lula ironizou: “O apoio dele eu não quero. Até eleitoralmente é melhor para o partido que ele fique com o Collor.”

Em casa — Depois da confusão absoluta instalada em sua casa no dia anterior, com jornalistas e admiradores amontoados durante todo o tempo à entrada da garagem, Lula tirou a manhã de ontem para retomar o convívio doméstico. Acordou às 10h, tomou seu café da manhã típico, com um copo de suco de laranja, uma xícara de café com leite e um pão com manteiga. Mais tarde, sentou-se à mesa para saborear o almoço — costelinhas de porco, arroz e couve à mineira.

Evitou assistir à televisão para não ficar ansioso com a divulgação dos resultados e aconselhou o mesmo à mulher, Marisa. Recebeu uma visita de duas horas dos conselheiros políticos Eduardo Suplicy, presidente da Câmara Municipal de São Paulo, Aloisio Mercadante, economista, e Djalma Bom, ex-colega de diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e ex-deputado federal. Ninguém ficou para o almoço.

A tranquilidade instalada na casa de Lula era tanta que os quatro petistas transformados em seguranças e os dois agentes da Polícia Federal que o acompanham passaram a manhã jogando baralho, ao lado de uma televisão ligada na Globo e de um telefone que usam para controlar as chamadas.



Lula reclamou da lentidão do TSE para apurar votos